



A ELABORAÇÃO SIMBÓLICA DO SENTIR: EXPLORANDO EMOÇÕES ATRAVÉS DO OLHAR, DA GESTUALIDADE CORPORAL E DA PALAVRA NA PINTURA EXPANDIDA

Júlia Goulart¹
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Departamento de Artes Visuais
Associada ANPAP: Não

Karine Gomes Perez Vieira²
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Docente do Departamento de Artes Visuais
Associado/a/e ANPAP: Sim

RESUMO

Este trabalho integra o projeto de pesquisa “Transversalidades em Pintura”, vinculado ao GPECTO – Grupo de Pesquisa Processos Pictóricos da UFSM/CNPq, que investiga a pintura como linguagem em constante transformação. Arelada a esse projeto, a pesquisa individual de Júlia Goulart articula arte e psicologia, propondo atravessamentos entre corpo, palavra, estética e sensibilidade, numa investigação sobre a expressão das emoções humanas por meio da pintura expandida, explorando o olhar, a gestualidade corporal e o uso simbólico da palavra e da cor. Nas pinturas, tons suaves contrastam com afetos intensos como dor e ansiedade, criando tensões visuais que evocam o íntimo e o não dito. Elementos textuais são incorporados como parte das imagens, ampliando a potência expressiva. Assim, a pesquisa propõe a pintura como espaço de atravessamentos e elaboração simbólica do sentir.

PALAVRAS-CHAVE

Arte e Transversalidade. Pintura Expandida. Expressividade Emocional. Subjetividade.

1. Resumo expandido

Este trabalho é parte de uma pesquisa em poéticas visuais, com bolsa de Iniciação Científica do Programa FIPE SÊNIOR, do Centro de Artes e Letras – CAL da UFSM,

¹ Graduanda em Artes Visuais - Bacharelado em Desenho e Plástica pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e graduanda em Psicologia pela Universidade Franciscana (UFN). Participante e bolsista de Iniciação Científica no GPECTO - Grupo de Pesquisa Processos Pictóricos (UFSM/CNPq). E-mail: julia.goulart@acad.ufsm.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0880915179450502> Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-6177-9188>.

² Professora no PPGART/UFSM e no Departamento de Artes Visuais, CAL/UFSM. Líder do GPECTO – Grupo de Pesquisa Processos Pictóricos (CNPq/UFSM). Doutora em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS, com período sanduíche na UPV (EM Valência - Espanha), pelo PDSE/CAPEs. Mestre em Artes Visuais pelo PPGART/UFSM. Graduada em Desenho e Plástica - Bacharelado e Licenciatura Plena pela UFSM. E-mail: karine.g.perez-vieira@ufsm.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9501215584535818>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-0500-544X>.



e integra o projeto “Transversalidades em Pintura: possibilidades poético visuais na arte contemporânea”. Coordenado pela Prof^a. Dr^a. Karine Gomes Perez Vieira (DAV/UFSM), o projeto vincula-se ao GPECTO – Grupo de Pesquisa Processos Pictóricos (UFSM/CNPq). Esse último congrega investigações prático-teóricas sobre processos artísticos de criação em pintura, englobando possíveis conexões dessa linguagem com outras áreas do conhecimento, técnicas, linguagens e processos artísticos variados.

Inserese neste contexto, a pesquisa individual da bolsista de iniciação científica Júlia Goulart, na qual propõe investigação poético-visual da expressividade das emoções humanas através do olhar e da gestualidade corporal, via pintura expandida. Com colagens, desenhos e diversas técnicas combinadas à pintura, a artista-pesquisadora busca formas sensíveis de representar afetos complexos e ambíguos: ansiedade, dor, insegurança, melancolia, êxtase, sendo o processo de criação das pinturas um exercício de escuta atenta das intensidades humanas, materializadas em composições que promovem encontro multifacetado entre corpo, cor, olhar e palavra.

A estratégia visual central na série em desenvolvimento é o uso de paletas cromáticas suaves, com tons pastéis, amarelados, azulados e rosados. Tal escolha formal contrasta com a carga emocional das temáticas abordadas. A leveza das cores, associada ao delicado, confronta figuras que expressam desconforto, fragilidade ou sofrimento. Assim, a pintura transcende a representação, tornando-se campo simbólico potente; é um portal para o íntimo, o não dito, o que transborda, revelando camadas profundas da experiência subjetiva.

Nas primeiras pinturas apresentadas (Imagens 1 e 2), o olhar emerge como elemento central e expressivo. São olhos que silenciam e gritam; olhares fixos, desviados, velados ou esvaziados, os quais quem sabe tensionam a linguagem verbal e sugerem estados emocionais simbólicos. A recorrência dos olhos evoca contato com o outro e introspecção. Essa dualidade pretende criar um ambiente imersivo, estimulando conexão profunda com o universo emocional. Logo, a centralidade do olhar é um convite à contemplação, permitindo que o espectador se projete e se reconheça nas sensações, possibilitando-lhe transcender a observação passiva.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

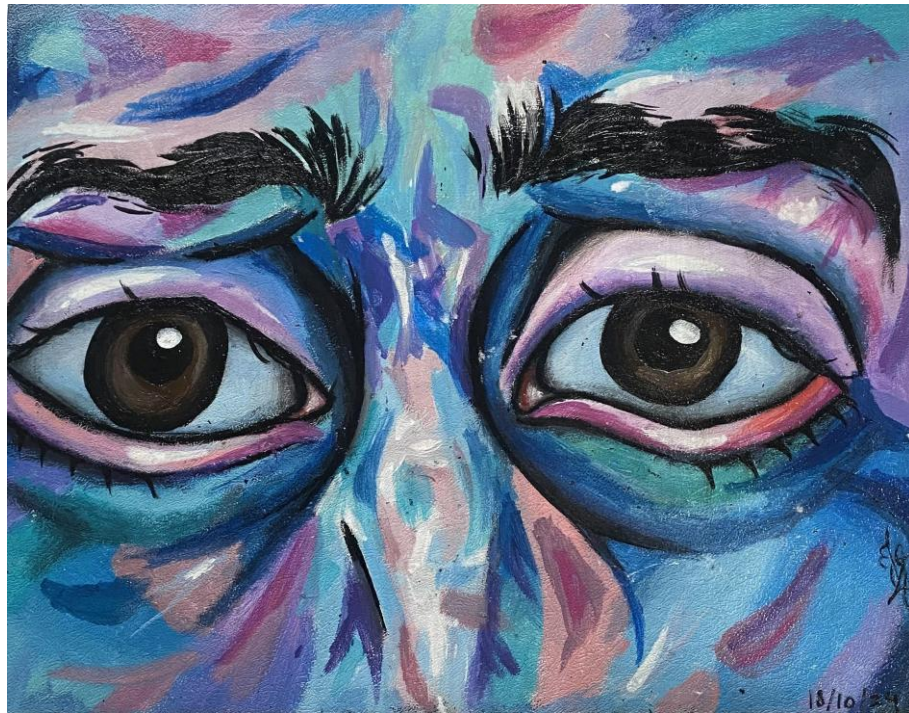


Imagem 1. Júlia Goulart, "Inquietação", 2024. Pintura acrílica, 21cm X 29,7cm.



Imagem 2. Júlia Goulart, "Suscetível", 2024. Pintura em giz pastel oleoso, 35cm X 35cm.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Além do olhar, o corpo tem papel fundamental na narrativa visual. Inicialmente pautada na expressividade facial, a pesquisa expandiu para outras partes do corpo que dão suporte à expressão de sentimentos humanos. Ombros curvados, colunas arqueadas e gestos interrompidos contam histórias e são ferramentas de comunicação emocional, junto a elementos textuais e frases poéticas autorais, sendo incorporados como parte das pinturas (Imagens 3 e 4), ampliando sua potência expressiva.

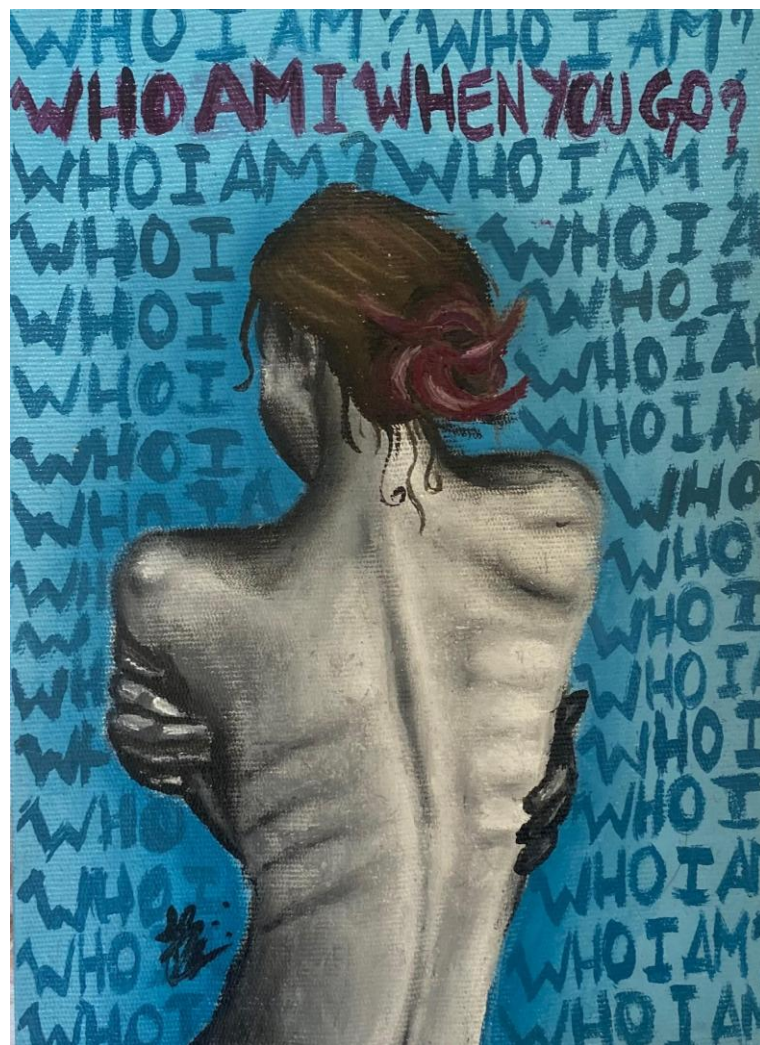


Imagem 3. Júlia Goulart, "Who I am?", 2024. Pintura acrílica, 16cm X 22cm.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 4. Júlia Goulart, "Anxiety", 2024. Pintura acrílica, 30cm X 30cm.

Além disso, as mãos surgem como elementos simbólicos potentes. Pinturas com mãos gestuais (Imagens 5 e 6) propõem nova linguagem visual para expressar estados emocionais. Mãos entrelaçadas, contorcidas, em repouso ou tensão funcionam como metáforas visuais da experiência humana. A exploração de partes do corpo humano como território de manifestação emocional reforça a ideia de que a arte pode espelhar vivências íntimas, expressas não verbalmente, mas pelo impacto visual produzido pelas imagens, apresentadas em comunhão com a palavra, já que nas pinturas, elementos textuais também se destacam.



Imagem 5. Júlia Goulart, "Anguish", 2024. Pintura acrílica, 26cm X 20cm.



Imagem 6. Júlia Goulart, "Ecstasy", 2024. Pintura acrílica, 10cm X 10cm.



Frases poéticas autorais são inseridas como elementos visuais, ora harmonizando com a imagem, ora tencionando-a e construindo narrativas fragmentadas, mas efetivas na complementação compositiva. Logo, nesta pesquisa, os textos não são encarados como legendas, mas prolongamento orgânico da pintura, como suspiros ou pensamentos incompletos que surgem discretamente em cantos ou dobras do corpo, como se emanassem da figura ou do espectador. Essa presença verbal propõe diálogo complexo imagem-palavra, ampliando a comunicação e tocando zonas sutis da sensibilidade. A fusão visual-textual cria sinergia para imersão na complexidade humana, onde dito e mostrado se entrelaçam para criar um sentido profundo.

Teoricamente, até o momento, a pesquisa em andamento se baseia em autores que discutem cor, forma e corpo como meios expressivos. Wassily Kandinsky (1996) é referência crucial para o uso da cor como força afetiva e simbólica, defendendo sua capacidade de ressoar com o mundo interior. Rudolf Arnheim (1997) contribui com análises da forma como organizadora de conteúdo emocional, destacando seu potencial expressivo e comunicativo de complexidades afetivas. Maurice Merleau-Ponty (1999) oferece base fenomenológica para pensar o corpo como sujeito da percepção, valorizando gesto, experiência sensível e corporeidade como formas primárias de linguagem.

Já a transversalidade, alinha-se à metodologia do GPICTO, que valoriza investigações transdisciplinares vinculadas à pintura. Como aponta a pesquisa "Pintura em campo expandido" (SILVA, 2014), o campo expandido da pintura permite novas abordagens, refletindo a fluidez entre pintura, psicologia, linguagem verbal e corporeidade. A Psicologia surge como campo essencial para escuta de emoções, experiências subjetivas e elaboração simbólica do sofrimento. Oferece ferramentas para profunda compreensão dos estados internos expressos pela pintura, transformando a obra em diálogo entre artista, espectador e universo emocional. Assim, a pesquisa se torna um espaço fértil de elaboração e transformação, com implicações na arte e existência individual, propondo arte para sentir e experimentar conexões com o psiquismo humano.

Essa perspectiva dialoga com o tema do 34° Encontro Nacional da ANPAP, Extremos, que propõe reflexão sobre os extremos da condição humana e na pesquisa em artes. Acredita-se que esta produção se insere harmoniosamente em ambos os eixos. Ao abordar afetos intensos (dor, angústia, êxtase), o trabalho evidencia experiências humanas-limite, frequentemente sem espaço no discurso racional. A arte se estabelece como campo privilegiado de escuta e expressão desses estados, oferecendo modos sensíveis de elaborar o inominável; torna-se abrigo para o inefável, onde a emoção pode ser contida e partilhada sem verbalização completa.

A metodologia que atravessa e interconecta pintura, corpo, palavra e psicologia – propõe abordagem com potencialidades de desdobramentos na pesquisa em arte. Rompendo dicotomias entre teoria-prática, forma-conteúdo e imagem-palavra, a investigação expande limites do fazer pictórico. Conforme afirma Silveira (2007), nos Anais da ANPAP de 2007, desde lá já se discutiam "Dinâmicas contemporâneas: o campo expandido da preservação", sinalizando abordagens que alteram paradigmas.



Isso abre espaço para novos modos de pensar e produzir conhecimento visual, enriquecendo a arte contemporânea e desafiando paradigmas. Sendo assim, a presente proposta se configura não apenas como pesquisa em arte, mas como investigação profunda sobre o sentir, viver e existir. Interdisciplinaridade e ousadia em explorar fronteiras, quem sabe, tornam o trabalho relevante para o debate, buscando sua conexão com urgências atuais, promovendo diálogo orgânico entre produção artística e reflexão teórica.

As pinturas aqui apresentadas não ilustram sentimentos, mas evocam atmosferas emocionais complexas, estados de presença e ausências simbólicas. A pintura, nesse contexto expandido, transcende a imagem. Manifesta-se como gesto, corpo que se expressa, atuando como ato de escuta profunda e escrita visual. Cada trabalho resulta de processo imersivo e introspectivo, um mergulho em sensações, memórias e observações, tornando-se exercício poético de atravessamento das camadas da existência. É autoanálise e também percepção do outro, um ato de tornar visível o invisível. Representar a dor por sutilezas visuais e expressões corporais delicadas fortalece uma percepção da arte como linguagem que acolhe o ambíguo, o contraditório e o inacabado na experiência humana. Essa abordagem ressoa com a busca por uma arte que se afaste da representação, tornando-se espaço de ressonância e contemplação, onde as emoções complexas são valorizadas.

A presente produção se insere significativamente em um campo expandido da pintura contemporânea. Nele, cor vibrante, gesto expressivo, forma instigante e texto coexistem, configurando múltiplas vias de acesso à complexa experiência humana. Com abordagem interdisciplinar e sensível, a pesquisa convida a pensar a arte não só como expressão sublime de subjetividades, mas como espaço sagrado de encontro e escuta estética dos extremos da existência. É um convite à reflexão sobre a capacidade da arte de tocar o âmago do ser, revelar o indizível e criar pontes entre mundos interiores. O trabalho reafirma a pintura como linguagem viva e pulsante, em reinvenção ininterrupta, capaz de narrar visualmente o que palavras não expressam. Assim, este processo oferece refúgio para o inefável, permitindo um mergulho nas nuances da condição humana, estabelecendo a arte como campo vital para a compreensão do viver, em que o sujeito resiste aos extremos, característicos da existência em nossa era.

Referências

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da experiência criadora. Trad. I. O. L. da C. Leite. São Paulo: Pioneira, 1997.

KANDINSKY, Wassily. Do espiritual na arte. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

SILVA, Elaine Cristina da. PINTURA EM CAMPO EXPANDIDO. 2014. 89 f. TCC (Graduação em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/10183/34895/1/000793757.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SILVEIRA, Luiz Claudio da Costa. Dinâmicas contemporâneas: o campo expandido da preservação. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 16., 2007, Campo Grande. Anais [...]: Memória e Intercâmbios. Campo Grande: ANPAP, 2007. p. 1-12. Disponível em: <https://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/183.pdf>. Acesso em: 10 jun.2025

Notas